

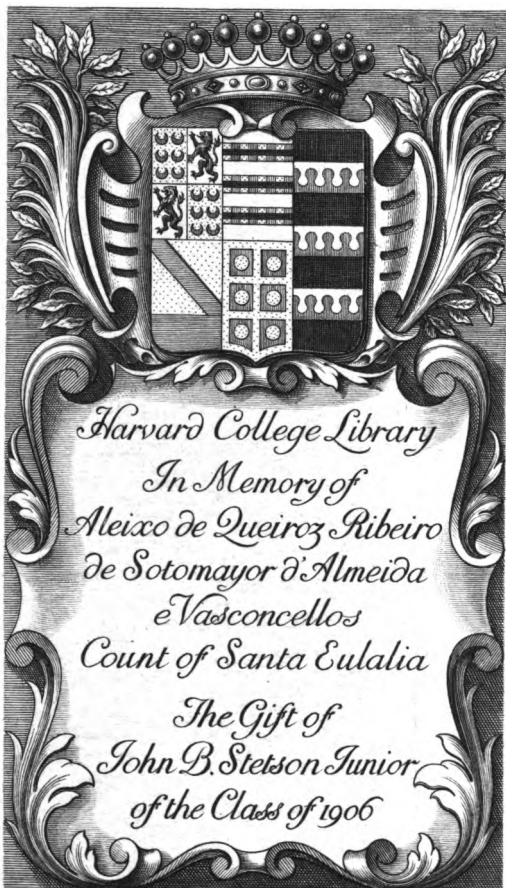
Port  
6044  
17

WIDENER



HN Z&BF N

Part 6044.17



A. J. Dunne 10.

Lith. 1911









21/

200

GUERRA JUNQUEIRO

# TRAGEDIA INFANTIL



LISBOA

EDITOR — J. H. VERDE

1877





# TRAGEDIA INFANTIL



6

**GUERRA JUNQUEIRO**

---

**TRAGEDIA INFANTIL**



**LISBOA**

**6, RUA DO DUQUE DE BRAGAÇA, 8**

**TYP. DE J. H. VERDE**

**1877**

✓ Port 6044.17

HARVARD UNIVERSITY LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF

JOHN B. STEIN, JR.

Sep. 25, 1922

# TRAGEDIA INFANTIL

---

## I

### **Ella**

Dois irmãos : a pequenita  
Tem quatro annos sómente;  
É d'uma graça infinita,  
D'um mimo surprehendente.

O seu corpo, que faria  
O desespero de Phidias,  
É leve como a alegria,  
É doce como as orchidias.

Produzir um corpo tal,  
Uma tão divina flor,  
Só o ventre maternal,  
O estatuário do amor.

N'aquella boca graciosa  
Não poisa de certo a abelha,  
Por saber que não ha rosa  
Tão fresca, nem tão vermelha.

Seus grandes olhos rasgados  
Com limpidez infantil  
Parecem mesmo talhados  
No azul das manhãs de Abril.

Ha tempos, oh maravilha!  
Que precocidade aquella!  
Nasce a Bebé uma filha  
Já quasi da altura d'ella.

Quando a foram baptisar  
Houve alegria estrondosa ;  
Serviu um banco de altar,  
Serviu de hysope uma rosa.

Bebé levava o anjinho  
Com maternal comoção ;  
O pequeno foi padrinho,  
Foi cura e foi sachristão.

Mimi — eis como se chama  
Essa creança innocente :  
Uma pequenina dama  
Que não tem cara de gente.

Não parece uma pessoa ;  
É uma boneca aleijada :  
Pois se Bébé fabricou-a  
D'uns farrapitos, coitada !

Não tem pernas, não tem braços,  
É uma creança infeliz;  
No rosto deram-lhe uns traços  
Com pretensões a nariz.

Não tem cabellos dourados,  
Nem boca para comer;  
Seus olhos sempre fechados  
São de tinta de escrever.

No entanto a Bebé que a adora  
Parece-lhe um cherubim;  
Acha-a linda como a aurora...  
É mãe: as mães são assim.

Santa illusão! para ella  
Que a anda a crear ao peito,  
Não ha uma rosa tão bella,  
Nem ha nada tão perfeito.



Que formosura!... que cinta!  
A boca vale um thesoiro;  
Os olhos—borrões de tinta—  
São duas estrellas d'oiro!

É em toda a natureza  
Aquillo que ella mais ama;  
Jantam sempre á mesma mesa  
E dormem na mesma cama.

Quando a filha está doentinha  
Vela a mãe á cabeceira;  
Nunca teve uma rainha  
Tão delicada enfermeira.

E que finura, que enredos,  
Que geito particular,  
Se os remedios são azedos  
Se custam muito a tomar!

Bebé, provando a tisana,  
Dá com a lingua um estallo,  
Murmurando, a vêr se a engana :  
— Ai que docinho!... é um regalo! —

Ás vezes é impertinente,  
Tem rabujes, faz maldades,  
Não quer dormir, não consente  
Que a vão deitar ás Trindades;

Bebé com mil subtilezas  
Diz-lhe então contos de fadas  
Onde ha reis, onde ha princezas,  
Onde ha moiras encantadas.

E ao cabo d'alguns instantes  
Bebé e a filha chorosa  
Sonham com anjos, diamantes  
E rebuçados de rosa!

## II

**Elle**

Elle o rapaz tem tres annos ;  
Não ha nada mais gracioso  
Do que os seus gestos ufanos  
E o seu andar orgulhoso,

Quando vae com a irmãsinha,  
Como quem leva uma flor ;  
Ella — a timida andorinha ;  
Elle — o forte, o protector.

Ella encosta-se ao irmão  
Com languidez e candura ;  
Ao vêl-os, julgo que são  
Dois noivos em miniatura.

A intrepidez do seu busto  
Tem as frescuras do linho;  
Alegre, loiro, robusto,  
Como um pequeno leãozinho.

Não deixa parar em casa  
Nada quieto em torno a si;  
O seu riso é como a aza  
Ardente d'um colibri.

É o *vir*, o trabalhador,  
Que ora destroe, ora cria,  
Feito de força e de amor,  
De crueldade e harmonia.

Persegue as lesmas viscosas  
Que dormem dentro das cellas;  
Despega as folhas das rosas  
E faz navios com ellas.

Detesta officios tranquillos ;  
Ama o clangor das trombetas :  
É o Atila dos grilos,  
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa  
A boiar, oh maravilha!  
Um pau, um trapo, uma herva,  
Emfim—um mundo, uma ilha,

Vae logo, bravo almirante,  
Á conquista do inimigo  
Com uma frota brilhante,  
Feita d'um jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos  
Um magnifico rebanho  
E um grande exercito, feitos  
De meio arratel de estanho.

As vezes fôrma em batalha  
O seu exercito inteiro:  
Rompe o clarim e a metralha  
D'um krup de sabagueiro.

As fortalezas modernas  
Cáem ali aos pedaços;  
Ficam ginetes sem pernas  
E granadeiros sem braços.

E á luz da batalha ardente  
Elle, o heroe impertubavel,  
Galopa soberbamente  
N'uma vassoira indomavel!

Depois, já farto da guerra,  
Despe a farda de soldado,  
E rasga os scios da terra  
Dentro d'um palmo quadrado.

## III

**Os dois**

Uma vez todo offegante  
Andava pelo jardim  
Ruidoso como um gigante  
E alegre como um clarim,

A erguer co'as mãos pequeninas  
A obra do mundo inteiro,  
Roma das sete colinas  
Debaixo d'um jasmineiro.

Com lodo d'um charco immundo  
E agulhas dos pinheiraes  
Eleva ao azul profundo  
As torres das cathedraes.

Acolá, d'um modo vago,  
Marca o logar d'um kioske;  
D'uma concha faz um lago,  
E com tres hervas um bosque.

Arroja a locomotiva  
Por essas campinas fóra.  
Cáe-lhe o suor da fronte altiva,  
Como o orvalho cáe da aurora.

Ergue palacios, basares,  
Pontes, muralhas, viaductos.  
As florestas seculares  
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destroe,  
É um architecto e um guerreiro;  
Brilhante como um heroe  
E sujo como um pedreiro.



Faz nas formigas destrôço,  
Como os inglezes nos chins;  
A Rhodes tira o colosso  
E a Babilonia os jardins.

Lança o Pellion sobre o Ossa;  
Põe-lhe em cima um catavento;  
Qualquer noz é uma carroça  
E qualquer mosca um jumento.

Nenhum obstaculo o affronta;  
Não vacilla, não desmaia;  
Com um lapis já sem ponta  
Abre um tunel no Himalaia.

Alinha, méde, gradua  
Vallados para as sementes:  
Os alviões e a charrua  
São tres palitos dos dentes.

N'aquelle olhar que governa  
Brilha o fulgor das espadas;  
Deem-lhe a hydra de Lerna,  
Que a vae matar ás dentadas!

Com todas as qualidades  
Da *menagere* exemplar,  
Em quanto o irmão faz cidades,  
Bebé prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé d'ella  
No berço. De quando em quando  
Bebé escuma a panella  
Que está fervendo e cantando.

Mexe o guisado e a fritura,  
Vê se têm o sal bastante,  
E sentando-se á costura  
Com um ar meigo, radiante,

Em quanto a creança loira  
Dorme o bom somno florido,  
Co'a illusão d'uma tesoura  
Talha a illusão d'um vestido.

Mas são horas; o irmãosito  
Já deve de andar cansado  
Das construcções de granito  
E da rabiça do arado.

Mimi em poucos instantes  
Acordará com certeza;  
É necessario quanto antes  
Ir pondo o jantar na mesa.

Vêde: que riqueza aquella!  
Que Trimalcião infantil!  
Ha na marca da baixella  
A assignatura d'Abril.

Nunca loiça tão preciosa  
Vio mesas de embaixadores:  
Os pratos — folhas de rosa,  
E os copos — urnas de flores.

Tem a opolencia excessiva  
D'uma saturnal pagã:  
Só para cada conviva  
Quatro bagos de romã!

#### IV

### **O crime**

No entanto o pequeno andava  
Rubro como o sol dos tropicos.  
No craneo ardia-lhe a lava  
De mil projectos ciclopicos.

Sobre um rochedo improvisa  
Uma torre entrincheirada,  
Mais baixa do que a de Piza,  
Mas muito mais inclinada.

Mas faltam-lhe inda nos mastros  
As victoriosas bandeiras,  
Desfraldadas pelos astros  
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi  
Bandeiras por toda a parte.  
« E o vestido da Mimi?!  
« Que esplendoroso estandarte!

« Mas que demonio ! Bebé  
« Desata logo a chorar !...  
« É o mesmo !... » E pé ante pé,  
Como um ladrão, de vagar,

Chega-se ao leito o selvagem.  
Cemo ella dorme tranquilla!...  
Sente remorsos... Coragem!  
Tremem-lhe as pernas, vacilla.

Bem sabe o grande malvado  
Que vae tornar-se um ladrão;  
Mas se o vestido é encarnado  
E é novo... Que tentação!

Não resiste á maravilha;  
Lança-lhe as mãos... N'esse instante  
Acóde Bebé e pilha  
O irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,  
Fica levado da bréca,  
E a pontapés homicidas  
Racha a cabeça á beneca.

Bebé, vendo a filha morta,  
Soltou um grito estridente,  
Como uma flecha que corta  
O azul instantaneamente.

A familia corre afficta;  
Supondo qualquer desgraça.  
Ergue a mãe a pequenita;  
Quasi o choro a despedaça.

« Filha que tens?... que agonia!...  
« Tu cahiste?... Doe-te?... Aonde?  
« Valha-me a virgem Maria!  
« Que tens?!... » Bebé não responde.

Grita, rebenta, espolinha  
Já quasi que estrangulada;  
A avó, a santa velhinha,  
Promete-lhe marmelada,

Jura o pae que ha de *ensinal-a*,  
Se não disser o que tem.  
Mas é escusado; não falla,  
Não obedece a ninguem.

Quer o pae dar-lhe um açoite;  
Cobre-a o perdão com a aza.  
Descem as sombras da noite...  
Vão todos entrando em casa.

## V

**O remorso**

E o pequeno — embezerrado,  
Mudo, ficou no jardim,  
Inerte como um forçado,  
Sombrio como Cain.



Negros fantasmas chimericos  
Davam hostis gargalhadas...  
Via os lirios cadavericos  
E as rosas ensanguentadas!

Contemplavam-no os rochedos  
Com sinistra indignação;  
As folhas dos arvoredos  
Gemiam baixo: ladrão!...

Olha, vê o que fizeste!  
Disse o luar cristalino.  
Um môcho sobre um cipreste  
Piava ao lonje: Assassino!

Com o olhar em furia aceso,  
Ao verem crime tamanho,  
Fitavam-no com desprezo  
Os seus soldados de estanho.

E a seus pés, visão maldita!  
Jasia a pobre insensível,  
Com os miolos de chita  
Fóra do craneo. . . Era horrível!

Ergueu a medo os destroços  
Do sanguinolento drama.  
Vinham junctas com os ossos  
Tripas de algodão em rama!

Guardou dentro do chapeo  
A hedionda carnificina,  
E como caminha um réo  
Que vae para a guilhotina,

Entrou em casa, assombrado,  
Livido, exangue, impotente.  
Um gato sobre um telhado  
Miava agoireiramente.

E no azul esplenduroso  
Via-se a lua suspensa,  
Como o disco monstruoso  
D'uma palmatoria immensa!

## VI

**A doença de Bebé**

Despem-n'a em cima da cama,  
E não a encontram magoada.  
O pae quer bater-lhe exclama:  
É uma rabuge... mais nada.

Chora, n'um doido estertor.  
Que terá ella?... misterio!  
Chamam á pressa um doutor;  
Entra um doutor grave e serio.

Toma-lhe o pulso, medita,  
E com ar auctorizado:  
«Pequena indegestãosita . . .  
«Não é coisa de cuidado.»

E, receitando a tisana  
Foi-se embora a medecina.  
Ás vezes a dôr humana  
É herculea garra leonina,

Que se nos crava no peito.  
Esmaga, rasga, esphacella . . .  
E o corpo enfim cae desfeito,  
Prostrado, debaixo d'ella.

Assim a pobre creança,  
Aniquilada e vencida,  
No somno afinal descança,  
Mais morta que adormecida.

## VII

**O sonho de Bebé**

Bebé sonhava que a filha  
Soltara o ultimo arranco.  
Entre flócos de escumilha,  
De rendas, de setim branco.

Dormia ao clarão dos cirios  
No seu caixãozinho estreito,  
Com as mãos brancas, de lirios,  
Postas em cruz sobre o peito.

Tinha a boca salpicada  
De nodoas roxas e pretas...  
Boca da côr da alvorada,  
Tornada côr das violetas!

Tinha o corpo macilento  
Mais frio que a luz da lua...  
Lá fóra gemia o vento  
E os cães uivavam na rua!

Bebé a um canto da salla  
Jazia lívida, exangue;  
Seus labios não tinham falla,  
Seus olhos choravam sangue.

Via a filha adormecida  
No caixão, etherea e calma...  
Morta!... a vida da sua vida!  
Morta!... a alma da sua alma!

N'esses doirados cabellos  
Não mais poria uma flor!  
Não mais tornaria a vel-os  
Os seus cabellos... Senhor!

Os grandes olhos tranquillos,  
Dois firmamentos, jámais,  
Jámais tornaria a abril-os!...  
Noite insondavel!... Jámais!

E se isto fosse mentira?!  
Sim, foi!... foi tudo illusão...  
Já move os labios... respira...  
Oh, não está morta, não!

Mas, ai! os sinos dobrando!  
Quem é que irão a enterrar?!  
É ella!!... Já vem entrando  
Os padres que a vão levar!

Choram as velhas creadas  
Beijando a filhinha morta;  
Ha cirios pelas escadas,  
E os pobres juntam-se á porta.

Deitaram-lhe a agua benta,  
Vão já fechar-lhe o caixão...  
A dôr lateja e rebenta  
N'uma tremenda explosão!

Bebé, palida, caminha  
Com uma heroica firmesa,  
Tombando sobre a filhinha,  
Como um leão sobre a presa.

Seus tristes olhos sombrios  
Choram, choram sem cessar:  
Que importa que sejam rios,  
Se tem dentro d'ella... o mar!

Suplica, blasphema, implora,  
Quer morrer, quer ir com ella!...  
Dá um grito e acorda; a aurora  
Batia sobre a janella.



Olha, e vê junto de si,  
Oh, surpresa verdadeira!  
A ex-defuncta Mimi,  
Já com a cabeça inteira.

Exclama cheia d'espanto:  
Como é que isto succedeu?!  
Salta o pequeno d'um canto  
E diz-lhe, rindo: — Fui eu!

FIM



---

A propriedade d'este livro, pertence no Brazil, ao sr.  
**Luiz d'Andrade**

---





# BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO E RECREIO

6, RUA DO DUQUE DE BRAGANÇA 8

EDITOR J. H. VERDE

---

## Premios para as creanças

---

### Contos Infantis

Cada conto forma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas. Estão publicados e vendem-se em todas as livrarias, os seguintes:

N.º 1 CHÁ DE D. BICHANA, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

N.º 2 JANTAR DOS TÓTÓS, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

N.º 3 PINTARROCHO, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

N.º 4 OS TRES URSOS, folheto em 4.º grande, Preço 400 réis.

N.º 5 O CÃO PALHAÇO, Preço 200 réis.

N.º 6 HISTORIA DE JOÃO DE GATINHAS, Preço 200 réis.

N.º 7 ANSELMO, O RUIM, Preço 200 réis.

N.º 8 HISTORIA DO BARBA AZUL, Preço 200 réis.

N.º 9 O MENINO E OS GIGANTES, Preço 120 réis.

N.º 10 ALADIM OU A LAMPADA MARAVILHOSA, Preço 120 réis.

N.º 11 AVENTURAS DE UM ANÃO, Preço 120 réis.

N.º 12 ALLI-BABA, Preço 120 réis.

---

### TRAGEDIA INFANTIL

Preço 200 réis















This book should be returned to  
the Library on or before the last date  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.

